

LITERATURA PORTUGUESA TRADUZIDA PARA O NEERLANDÊS *

Nos últimos sete anos (1989-1995), verificou-se um crescimento espectacular no número de traduções de literatura portuguesa, publicadas nos Países Baixos e na Flandres, portanto, em língua neerlandesa. Jornais portugueses de há uns anos atrás comentavam o fenómeno com orgulho: ‘A Holanda acolhe o livro português’, ‘Pessoa o poeta mais vendido na Holanda’. A tal ponto que, em 1994, um dia depois de ter falado com um jornalista português, justamente sobre o tépido acolhimento da literatura portuguesa moderna e sobre o acolhimento mais favorável, mas limitado à imprensa dita ‘da província’, do primeiro livro traduzido de Miguel Torga, tive o privilégio de ler no seu jornal acerca do “boom” de Torga e de toda a literatura portuguesa nos Países Baixos, em anos recentes’. Quem me dera! A verdade é um pouco diferente.

Será então, como disse José Rentes de Carvalho, escritor português radicado nos Países Baixos desde 1956 e neste país o autor mais conhecido a seguir a Fernando Pessoa, numa entrevista em *Letras & Letras* em 3 de Fevereiro de 1993? Cito: ‘Aqui na Holanda, por exemplo, onde os críticos literários de maneira nenhuma se sentem obrigados a ter papas na língua — pelo menos para connosco — a literatura portuguesa fica por Fernando Pessoa e Eça de Queirós. São feitas regularmente algumas traduções de escritores contemporâneos, mas até agora e de modo geral as críticas foram quase sempre impiedosas. Eu suponho que se os ecos delas chegassem a Lisboa, isso contribuiria muito para esvaziar o doentio inchaço de algumas reputações’. Há aqui uma certa verdade mas também um certo exagero para o lado negativo.

* Versão actualizada de uma comunicação apresentada no Colóquio Luso-Neerlandês, organizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Março de 1994.

A verdade deve pairar algures no meio e não há nada como os factos para ver como as coisas estão. Primeiramente, é preciso lembrar que a literatura portuguesa foi, durante séculos, quase totalmente desconhecida nos Países Baixos. Os raríssimos escritores traduzidos, tiveram apenas uma fama efémera, como é o caso de Fernão Mendes Pinto no século dezassete, Camões no fim do século dezoito e início do século dezanove, e Teixeira de Pascoaes nos anos trinta a cinquenta deste século (*Paulus, de dichter Gods*, 1937, 1937², 1943³, 1949⁴); *Hiëronymus, de dichter der vriendschap*, 1939; *Verbum obscurum*, 1946, traduzidos por A.V. Thelen e H. Marsman; *Napoleon. Spiegel van de antichrist*, 1950, traduzido por A.V. Thelen e Gerard Diels).

Entre 1895 e 1970 figuravam ao lado de Pascoaes, e com uma projecção mais pequena, apenas oito autores portugueses, dois dos quais com vários títulos traduzidos. Era o caso de Eça de Queirós, com *O primo Basílio* (*Neef Bazilio*, traduzido por C. van Nievelt, 1895), *Fradique Mendes* (*Briefwisseling van Fradique Mendes*, traduzido por M. J. Kollewijn, 1906) e *O crime do padre Amaro* (*De misdaad van pater Amaro*, traduzido por J. Slauerhoff e R. Schreuder, 1932), e de Ferreira de Castro, com *A selva* (*De paradijs-plantage*, traduzido do inglês por A. Gerzon-Caffé, 1936), *Terra fria* (*Onvruchtbare aarde*, 1952), *A lã e a neve* (*De schaapjes des Heren*, 1952), e, de novo, *A selva* (*Het oerwoud*, 1958), os últimos três títulos traduzidos por L. Roelandt. Os seguintes seis autores ficaram limitados a um título cada um: Mariana Alcoforado (*Minnebrieven van een Portugeesche non*, traduzido por Arthur van Schendel, 1904, 1922², 1934³, 1948⁴), Aquilino Ribeiro, com *O homem que matou o diabo* (*De man die den duivel doodde*, traduzido por J. Brouwer, 1936), Ramalho Ortigão, com *A Holanda* (*Holland 1883*, traduzido por M. de Jong, 1948, 1964²), Camões, com uns sonetos (*Saudades en andere verzen*, traduzido por Dolf Verspoor, 1953, 1961², 1970³), Júlio Dantas, com *A ceia dos cardeais* (*Het souper der kardinalen*, traduzido por M. de Jong, 1956) e Luís de Sttau Monteiro, com *Angústia para o jantar* (*De spelregels*, traduzido do inglês por Dolf Verroen, 1965).

Apesar dos grandes nomes da literatura portuguesa e o empenho de escritores de renome da primeira metade do século (Marsman, Slauerhoff e Van Schendel) e de tradutores qualificados (J. Brouwer e M. de Jong), apenas o livro de sonetos de Camões, do prestigiado tradutor Dolf Verspoor, chegou a ser reeditado posteriormente a 1970, fazendo do poeta a única referência de algum modo duradoura, não como o escritor de *Os Lusíadas* mas como sonetista.

No ano de 1970 foi editada uma colectânea de contos de escritores portugueses (*Meesters der Portugese vertelkunst*), numa série intitulada 'Mestres do conto'. O organizador e tradutor do volume, August Willemsen, escolheu contos de, entre outros, Eça de Queirós, Miguel Torga e Jorge de Sena. Na sua introdução, apresentou uma visão crítica do escritor português: 'O escritor em Portugal, desempenha uma actividade incompreensível para os outros: longe do mundo, no isolamento do seu gabinete de estudo, rodeado por livros, senta-se à secretária — e produz literatura. Nisso, bem se guarda de utilizar as mesmas palavras que a gente comum, os não-escritores. Utiliza palavras e frases diferentes, metáforas, muitas vezes inescrutáveis para as pessoas normais. Mas estas não se importam: isso mostra com efeito que é escritor! E, quanto mais belas e complicadas as palavras, tanto maior o escritor. O respeito por pessoas que sabem escrever é grande, pelas que publicam livros, infinito. O escritor é um mágico, superior às pessoas.' Pode notar-se um certo consenso entre a visão da vida literária de Rentes de Carvalho e de Willemsen. Nota-se também um ênfase no aspecto estilístico, que tem um peso significativo no acolhimento do livro português, como espero mostrar mais tarde.

Estávamos no ano de 1970, na era do empenho social e de um grande interesse pela luta contra o capitalismo e a ditadura dos movimentos de libertação no terceiro mundo. Nesta atmosfera, Bertus Dijk organizou e traduziu uma colectânea de 'poesia de resistência' portuguesa, *Terreur en verzet* (Terror e resistência, 1971). Também publicou uma antologia de poesia de Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé, intitulada *Vuur en ritme* (Fervor e ritmo, 1970) e uma colectânea de contos angolanos (*Angolese verhalen*, 1972).

Porém, o primeiro livro que conseguiu despertar o interesse de críticos e leitores, foi uma colectânea de poesias de Fernando Pessoa (*Gedichten*, 1978). Numa edição bilingue, com uma tradução e um posfácio-ensaio belíssimos de August Willemsen — que ganhará o Prémio de Tradução Nijhoffprijs em 1983 — tornou-se um verdadeiro clássico. Em 1980 foi editada uma antologia de prosa de Pessoa, *De anarchistische bankier* (O banqueiro anarquista, traduzido por Willemsen), que de início teve menos saída, seguida pela edição, igualmente bilingue e do mesmo tradutor, da *Ode marítima* (*Ode van de zee*, 1981). No decorrer dos anos oitenta, desenvolveu-se uma verdadeira Pessoa mania nos Países Baixos. Já varias vezes reeditado, *Gedichten* atingiu uma venda de oito mil exemplares em 1989, enquanto a *Ode van de zee* ia para os três mil exemplares, números invulgares para livros de poesia nos Países Baixos. *O livro*

do desassossego (*Het boek der rusteloosheid*), traduzido por Harrie Lemmens e publicado em 1990, foi já várias vezes reeditado e chegou, no ano de 1993, a uma venda de 7500 exemplares. Os livros posteriormente editados de outros autores, nem de longe se aproximam destes números. Pode dizer-se que o público neerlandófono descobriu Fernando Pessoa, mas fora do ambiente da literatura portuguesa. Tinham descoberto Pessoa como escritor individual de importância mundial. Em 1995, Pessoa consolidou a sua presença com uma colectânea de cartas e outros documentos pessoais, intitulada *Mijn droom is van mij* (O meu sonho é meu), editada pela Arbeiderspers e organizada e traduzida por Harrie Lemmens.

Tudo leva a crer que o interesse de editores pela literatura portuguesa, que iria levar ao referido 'boom' do livro português, venha de impulsos indirectos. Sintomático da falta de uma perspectiva básica e de um conhecimento elementar da literatura portuguesa, é a falta de sorte que teve uma edição isolada, de uma pequena editora, de uma tradução do romance *Paisagem com mulher e mar ao fundo* de Teolinda Gersão (*Landschap met vrouw en zee*, traduzido por Hennie Bos, 1986). Totalmente desconhecido e com escassas referências na imprensa, o livro passou quase despercebidamente para o esquecimento. Uma sorte similar teve uma antologia de treze poetas portugueses contemporâneos, *Ik verheerlijk het verleden niet* (Não glorifico o passado, 1985), organizada e traduzida por August Willemsen para a edição de 1985 do festival internacional de poesia 'Poetry International' em Roterdão, onde a poesia portuguesa era o tema. Embora se trate de uma edição exemplar, tanto pela escolha e pela tradução dos poemas como pela boa introdução à poesia portuguesa pós-1940 e pela informação bio/bibliográfica, o livro desde cedo chegou às prateleiras de livros 'em promoção', onde ainda hoje pode ser encontrado.

Um primeiro impulso indirecto foi o êxito, se calhar mais de prestígio do que de venda, de uma série de obras do autor brasileiro Machado de Assis. Levou a editora De Arbeiderspers a lançar um projecto análogo: a edição de seis romances de Eça de Queirós, com posfácios de J. Rentes de Carvalho. Em 1989 apareceu o primeiro volume, a tradução de *A relíquia* (*De relikwie*, traduzido por Adri Boon). Foi recebido com alguma benevolência, mas os críticos não estavam propriamente conquistados. O segundo volume, a tradução de *O crime do padre Amaro* (*Het vergrijp van pater Amaro*, traduzido por Adri Boon, 1990), teve um melhor acolhimento, mas esteve longe da sensação de Pessoa ou da agradável surpresa de Machado de Assis. A série, da qual entretanto já saíram *A cidade e as serras* (*De stad en de bergen*, 1992) e *O primo Basílio*

(*Neef Bazilio*, 1994), ambos traduzidos por Harrie Lemmens, mostrou-se uma aposta segura na qualidade do melhor romancista português do século passado, mas um êxito de venda, isso não. No entanto, é interessante notar que o último título parece ter contribuído para a consagração do autor. Na lista dos 100 melhores livros publicados nos Países Baixos no ano de 1994, figurou na 24.^a posição.

O segundo impulso indirecto foi o forte crescimento do número de edições estrangeiras de livros portugueses de autores contemporâneos na década de oitenta, principalmente em francês, mas também em alemão, espanhol, inglês e italiano. Escritores como Almeida Faria, José Cardoso Pires, Lídia Jorge, António Lobo Antunes, José Saramago, Jorge de Sena, Miguel Torga e Vergílio Ferreira marcaram presença internacional e deram indicações de que em Portugal havia uma literatura a descobrir. Várias editoras holandesas estavam atentas aos desenvolvimentos e começaram a reservar os direitos para alguns livros. No ano de 1989, e muito provavelmente pelo facto de Portugal ser o país que se apresentaria na Europália em 1991, anunciaram a publicação dos primeiros títulos. Também não teria sido estranho a esta iniciativa, o apoio financeiro de instituições portuguesas para a divulgação do livro português. Na verdade, grande parte dos livros publicados contaram com apoios da Comissão para a Europália, da Fundação Calouste Gulbenkian, do Instituto Português do Livro e da Leitura, e de outros organismos. Assim se deu o 'boom' da literatura portuguesa. Ainda em 1989 saiu *Cerromaior* de Manuel da Fonseca, traduzido por Arie G. Kallenberg, numa edição particular.

Em 1990, a editora De Arbeiderspers publicou a tradução de *Memorial do convento* de Saramago (*Memoriaal van het klooster*, traduzido por Harrie Lemmens); a editora De Prom iniciou uma 'biblioteca portuguesa' com *A balada da Praia dos Cães* de Cardoso Pires (*Ballade van het Hondenstrand*, traduzido por Catherine Barel) e *A paixão* de Almeida Faria (*Passie*, traduzido por Piet Janssen).

Como era de esperar, em 1991, o ano da Europália, saíram mais edições. A revista flamenga *Point* (ano 5, nº 24) dedicou um número inteiro à poesia portuguesa contemporânea sob o título *Hoor de kleine kreet...* A editora Arena publicou *A costa dos murmúrios* de Lídia Jorge (*De kust van het gemurmel*, traduzido por Maartje de Kort e Elly de Vries), a editora Amber publicou *Os cus de Judas* de António Lobo Antunes (*De judaskus*, traduzido por Harrie Lemmens), a De Prom publicou *Gente feliz com lágrimas* de João de Melo (*Gelukkige mensen met tranen*, traduzido por Hennie Bos) e a 'Acção de Escritores de Louvaina' publicou duas

colectâneas bilingues de poesia: *A colher na boca*, uma antologia da poesia de Herberto Helder (*De lepel in de mond*), e *Navegações* de Sophia de Mello Breyner Andresen (*Zeereizen*), ambas traduzidas por Irène Koenders.

O ano de 92 foi mais calmo. Na De Prom, saiu a tradução de um texto clássico: a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto (*Pelgrimsreis*, traduzido por Arie Pos) e a Arena publicou *Ponto pé de flor* de Clara Pinto Correia (*De bloemsteelsteek*, traduzido por Maartje de Kort).

No ano seguinte, o Centro Vitorino Nemésio editou uma pequena antologia bilingue de poesia portuguesa, intitulada *Da arte de escrever português/De kunst portugees te schrijven*. A De Prom continuou a ‘biblioteca portuguesa’ com *O delfim* de José Cardoso Pires (*De kroonprins*, traduzido por Catherine Barel) e *Contos da montanha* de Miguel Torga (*Verhalen uit de bergen*, traduzido por Arie Pos). Na Arbeiderspers apareceu um segundo romance de Saramago, *O evangelho segundo Jesus Cristo* (*Het evangelie volgens Jezus Christus*) e a *Confissão de Lúcio* de Mário de Sá-Carneiro (*De bekentenis van Lúcio*), ambos traduzidos por Harrie Lemmens. A editora Meulenhoff publicou *Vida de Ramón* de Luísa Costa Gomes (*Het leven van Ramon*) e, um pouco fora do contexto estritamente literário, um texto clássico da história de arte, *Diálogos em Roma — Da pintura antiga* de Francisco de Holanda (*Romeinse dialogen*), ambos traduzidos por Adri Boon.

No ano de 1994, várias iniciativas, para além da já referida publicação da tradução de *O primo Basílio*, reforçaram a presença da literatura portuguesa no mercado neerlandesa. Na ‘biblioteca portuguesa’ da editora De Prom, foi publicado *O físico prodigioso* (*De wonderdokter*, traduzido por Arie Pos) de Jorge de Sena. A mesma editora publicou também o *Réquiem* de Antonio Tabucchi, escrito originalmente em português (*Requiem*, traduzido por Piet Janssen). Ainda é de assinalar uma edição particular, sob os auspícios da Universidade de Gent e da livraria Orfeu, de um conto de José Rodrigues Miguéis, *Het belang van een haarscheiding* (‘A importância da risca do cabelo’, traduzido por Jeroen Dewulf, Barbara Gerard, Luc Honorez e Lukas Moerman). Não sei por que estranha coincidência, o ano de 1994 viria a ser um ano de grande actividade na divulgação da literatura portuguesa. Nos últimos dias de Janeiro decorreu em Amsterdão a segunda edição das ‘Lusofonias’, um encontro cultural que dedicou especial atenção à literatura portuguesa do século XX e que contou com a presença de, entre outros, Eugénio Lisboa, Francisco José Viegas e Sérgio Godinho, em sessões moderadas por Fernando Venâncio. No mesmo ano, três revistas literárias de renome dedi-

caram edições especiais à literatura portuguesa. O número de Fevereiro da revista *De Gids* (ano 157, n.º 2), trazia uma visão geral sobre a literatura ‘pós-pessoana’, artigos sobre Torga e Sena, Saramago, Cardoso Pires e Lobo Antunes, e ainda traduções de Sophia e de Mário-Henrique Leiria. A edição de Setembro da revista *Maatstaf* (ano 42, n.º 9), apresentou, entre outras coisas, traduções de fragmentos históricos de Fernão Lopes e Oliveira Martins, apontamentos sobre Lisboa de Eça e Fialho d’Almeida, e poesia de Cesário Verde, Gomes Leal e António Botto. A edição de inverno da revista trimestral *De tweede ronde* (ano 15, n.º 3), dedicava a sua secção de traduções a uma antologia de prosa e poesia de escritores contemporâneos, entre os quais Manuel Alegre, Miguel Esteves Cardoso, Pedro Paixão, Ruy Cinatti, Luiza Neto Jorge e Almada Negreiros.

Poucos meses depois, já no ano de 1995, a editora Bas Lubberhuizen publicou, numa série de textos dedicados a cidades de cultura, um volume sobre Lisboa, organizado por August Willemsen e Marcel van de Boogaart, intitulado *O Lissabon, mijn thuis* (Lisboa, meu lar). O livro contém traduções de uma carta de Camões, do ‘Sentimento dum ocidental’ de Cesário Verde, uma apresentação e ‘mini-antologia’ do modernismo português, com textos de Pessoa, Sá-Carneiro e Almada Negreiros, e ainda fragmentos sobre Lisboa da autoria de Almada e de Cardoso Pires. No mesmo ano, a De Prom publicou uma tradução de *Sinai de fogo* de Jorge de Sena (*Tekens van vuur*, traduzido por Arie Pos) e a *Arbeiderspers* continuou a ‘linha Pessoa’ com a já referida antologia *Mijn droom is van mij*.

No ano corrente foram publicadas, incluídas na ‘biblioteca portuguesa’ da De Prom, traduções já há muito tempo anunciadas de Lídia Jorge e Vergílio Ferreira, autor que recebeu o Prémio literário da Europália em 1991. Trata-se de *De dag der wonderen* (*O dia dos prodígios*, traduzido por Irène Koenders) e de *Voorgoed* (*Para sempre*, traduzido por Piet Janssen).

De um ponto de vista estatístico, podemos constatar que, nos anos de 89 a 96, para além de antologias e números especiais de revistas, saíram trinta e um livros portugueses, repartidos por nove editoras e traduzidos por quinze tradutores. Apenas duas editoras — a De *Arbeiderspers* e a De Prom, em conjunto com uma quota substancial de vinte e dois livros editados — parecem ter projectos mais ou menos definidos: a primeira aposta em autores (5 títulos de Pessoa, 4 de Eça, 2 de Saramago e 1 de Sá-Carneiro), a segunda apresenta uma ‘biblioteca portuguesa’ (8 autores, dos quais Cardoso Pires e Sena com dois títulos). Entre os trinta e um títulos, apenas dois — a *Peregrinação* e os *Diálogos em Roma* — são do

período anterior aos finais do século dezanove. Eça de Queirós é o único representante da literatura do século passado, enquanto que durante muito tempo (até à aparição de Mário de Sá-Carneiro), Fernando Pessoa era a única referência do modernismo português. Do período seguinte, foram publicadas obras solitárias de Manuel da Fonseca, Miguel Torga, Sophia de Mello Breyner Andresen e Vergílio Ferreira, e dois títulos de Jorge de Sena. Os restantes escritores traduzidos são autores contemporâneos. Alguns com reputação internacional já feita, como os casos de Almeida Faria, José Saramago, António Lobo Antunes e José Cardoso Pires. Outros com uma fama internacional a nascer, como é o caso de Lídia Jorge e de Herberto Helder. E ainda outros que só recentemente começaram a ser traduzidos: Teolinda Gersão, João de Melo, Luísa Costa Gomes e Clara Pinto Correia.

Se virmos agora o acolhimento dos livros pela crítica e pelo público, pode constatar-se que os nomes mais clássicos tiveram uma recepção muito mais favorável do que os autores contemporâneos. Importa, entretanto, referir que, à excepção de Pessoa, nenhum livro até agora chegou a ter uma segunda edição. Já falámos em Fernando Pessoa e Eça de Queirós. Também dois outros 'clássicos' foram bem acolhidos: Fernão Mendes Pinto e Mário de Sá-Carneiro. Os *Contos da montanha* de Miguel Torga tiveram igualmente críticas unanimemente laudatórias, porém somente nos jornais da província.

E aí temos um dos problemas fulcrais na divulgação da literatura portuguesa nos Países Baixos. É que, embora haja sinais prometedores, nomeadamente nas recentes antologias e números especiais, os jornais e revistas mais importantes prestam pouca atenção à literatura portuguesa. Por um lado, há falta de críticos com algum conhecimento desta literatura, por outro lado, parece haver um interesse bastante limitado, o que se compreende até certo ponto, porque não são propriamente só escritores portugueses que são traduzidos. De modo geral, deixa-se o trabalho da crítica nas mãos de meia dúzia de críticos mais ou menos especializados na literatura portuguesa (ou espanhola!), o que, no caso da publicação de quatro ou cinco títulos por ano — para além das edições de autores sulamericanos e espanhóis — leva facilmente a uma certa saturação ou, o que é pior, a uma pré-selecção onde nomes desconhecidos ficam de fora. E mesmo as pessoas qualificadas não têm uma visão muito actualizada da literatura portuguesa. Estão mais bem informadas acerca dos grandes nomes do passado, o que explica talvez a sua preferência pelos escritores clássicos. Mas

também, com um tão pequeno grupo de críticos, os gostos pessoais têm um certo peso na balança.

O tradutor premiado de Pessoa, August Willemsen, por exemplo, não é grande admirador da literatura contemporânea portuguesa, como já se pode ter deduzido da citação do seu prefácio à antologia de contos. Repetiu o seu veredicto numa página inteira do jornal mais prestigiado dos Países Baixos, o *NRC Handelsblad*, em 14 de Junho de 1991, portanto, na altura em que se davam os primeiros sinais de uma 'onda' de literatura portuguesa. Numa crítica, que se pode bem dizer impiedosa, sobre *A costa dos murmúrios* e *A balada da Praia dos Cães*, atacou as presunções dos autores portugueses e as suas preferências pelas formas complicadas e palavras preciosas. Para piorar as coisas, a redacção do jornal publicou o artigo com o cabeçalho de 'Será que sou demasiado estúpido para estes livros?' Rentes de Carvalho não escreveu críticas, mas em entrevistas e livros não deixa escapar uma oportunidade para dizer a mesma coisa. É pena, porque ele e Willemsen são as pessoas com mais renome e autoridade no pequeno coro de críticos neerlandeses, onde ressonâncias das suas opiniões se fazem sentir até aos dias de hoje.

Mas os gostos pessoais não explicam tudo. Pode-se considerar infeliz a intervenção de Willemsen e Rentes de Carvalho neste campo, sem lhes contestar o direito à palavra, mas não são eles o núcleo do problema da recepção da literatura contemporânea portuguesa nos Países Baixos e na Flandres. Em primeiro lugar, há uma grande falta de informação e publicidade, parcialmente da responsabilidade dos editores. Não parecem dispostos a grande pompa e circunstância no lançamento dos livros, considerando a edição de autores portugueses ainda um projecto de investigação do mercado. Por enquanto, um pre- ou posfácio é quase indispensável para proporcionar a críticos e leitores os meios básicos para uma primeira avaliação. Não basta dizer na capa que se trata de um *bestseller* ou de um êxito de venda em Portugal. Isto talvez possa funcionar para um livro, mas não para a quantidade de títulos que apareceu nos últimos anos.

Os gostos do público neerlandófono e português não são os mesmos e os textos funcionam num contexto literário bem diferente. Os romances de José Saramago, por exemplo, tiveram um acolhimento dividido. Por um lado, havia críticos que não gostaram, por outro lado, foi por duas vezes escolhido como 'livro do mês'. As objecções contra os livros, e também nas críticas favoráveis, rodearam quase todas o aspecto estilístico. A densidade da escrita, a exuberância barroca e os períodos compridos, com-

plicaram a leitura e prejudicaram um acolhimento mais favorável. Houve mais ou menos a mesma divergência de opiniões e os mesmos problemas em volta de *A paixão* de Almeida Faria. Também em muitas críticas a outros livros, o problema do estilo foi um ponto de referência frequente.

Tocamos aqui numa divergência de gostos que talvez tenha a ver com diferenças culturais e temperamentais. É fácil recorrer mais uma vez às antiquíssimas oposições entre a alma nórdica e latina ou entre o espírito calvinista e católico. Seriam explicações para tomar em conta, mas ao lado de outras considerações, como, por exemplo, o já referido estatuto do escritor e o clima literário nos países. Prémios nacionais, por exemplo, e especialmente os prémios anuais atribuídos ao 'melhor livro', podem ser muito enganadores, e no plano internacional apenas servem de chamada de atenção para o livro premiado que pode levar editoras estrangeiras a considerarem as possibilidades de uma tradução. Por outro lado, uma política de tradução baseada em títulos traduzidos em outros países, pode guardar um editor para as consequências catastróficas de uma escolha imprudente. A questão do gosto é bastante complicada, mas acho que se pode dizer — e isso é amplamente confirmado nas críticas sobre outros escritores, tanto neerlandeses como estrangeiros — que o leitor neerlandês tende a preferir um estilo menos elaborado, mais conciso. Se calhar, é isso mesmo que explica em parte a popularidade dos livros de Rentes de Carvalho nos Países Baixos, enquanto que o escritor é quase um desconhecido em Portugal.

Nas críticas a alguns dos livros, surgiu com alguma frequência a pergunta porque foi o livro traduzido. Francamente, também não percebo muito bem o que levou editores à publicação de, por exemplo, *Paisagem com mulher e mar ao fundo* ou *Ponto pé de flor*. Não é questão de os livros serem bons ou maus, mas o facto de trazerem muito pouco de verdadeiramente novo, próprio ou diferente ao mercado neerlandês. Num dos mercados mais diversificados quanto à origem dos livros, um livro deve distinguir-se da massa dos outros por uma extrema qualidade ou actualidade, um elevado valor próprio literário, histórico ou documental ou uma quase excêntrica divergência dos padrões estabelecidos.

De modo geral pode dizer-se que a qualidade das traduções é boa e reconhecida como tal pelos críticos. Portanto, uma importante condição no processo de tradução e edição de literatura portuguesa está satisfeita: a de ter tradutores suficientes que façam um trabalho de qualidade. Mas há outros factores a tomar em conta. Qual será a estratégia dos editores? Estarão dispostos a continuar a edição de escritores portugueses e haverá

apoios para essas iniciativas? Por agora, pelo menos alguns deles parecem prontos a apostar por mais algum tempo nos escritores portugueses. Pode-se, talvez, esperar uma escolha mais conservadora das obras a traduzir, o que proporcionaria um fundamento mais forte para o conhecimento da literatura portuguesa e, ao mesmo tempo, um risco menor para os editores e patrocinadores. Podem ter a certeza que não vão publicar *bestsellers* mas sim livros que faziam grande falta no panorama da literatura mundial nos Países Baixos e que merecem ser conhecidos.

Entretanto, para a literatura portuguesa ganhar peso e estatuto nos Países Baixos, é fundamental lançar mais livros clássicos com um valor e interesse incontestáveis. Além disso, é de extrema importância o aumento da informação adequada acerca da literatura portuguesa e uma maior atenção ao clima literário próprio dos Países Baixos e aos gostos dos leitores. No que diz respeito aos autores contemporâneos, parece necessário escolher livros com um maior impacto. Sei que é muito difícil encontrar *bestsellers* e ainda mais difícil prever a sorte de um livro num mercado diferente. Mas estando atento aos desenvolvimentos em Portugal e aos gostos e exigências do mercado neerlandês, acho que deve ser possível editar livros de sucesso. Não se divulga a literatura portuguesa com livros que passam despercebidos ou despertam pouco interesse. Num ramo de actividade cada vez mais orientado pelas exigências do mercado, não se trata de deixar cartões de visita mas de ganhar espaço 'à martelada'. A ver vamos.

Arie Pos